



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ESCOLA DE TEATRO
LICENCIATURA EM TEATRO EaD

ARALY DA SILVA SANTOS

**ANARRIÊ: ANÁLISE DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA FESTA JUNINA NO LAR
PÉROLAS DE CRISTO COM BASE NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
POPULARES E NOS JOGOS TEATRAIS.**

SALVADOR/BAHIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE TEATRO
LICENCIATURA EM TEATRO EaD

ARALY DA SILVA SANTOS

ANARRIÊ: ANÁLISE DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA FESTA JUNINA NO LAR
PÉROLAS DE CRISTO COM BASE NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
POPULARES E NOS JOGOS TEATRAIS.

Trabalho de Conclusão de estágio (TCE) de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, e Universidade Aberta do Brasil, como requisito básico para obtenção do título de Licenciado em Teatro.

Prof. Orientador: Prof^o Dr^o Thiago Carvalho Meira

SALVADOR/BAHIA

2024

ARALY DA SILVA SANTOS

“ANARRIÊ: ANÁLISE DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA FESTA JUNINA NO LAR PÉROLAS DE CRISTO
COM BASE NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS POPULARES E NOS JOGOS TEATRAIS”

Aprovado em: 25 de novembro de 2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



THIAGO CARVALHO MEIRA

Data: 25/11/2024 17:26:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Thiago Carvalho Meira (orientador) - UERJ

Documento assinado digitalmente



FILIFE DIAS DOS SANTOS SILVA

Data: 25/11/2024 17:00:51-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Felipe Dias dos Santos Silva - UFBA

Documento assinado digitalmente



MARCOS CLOVIS FOGACA

Data: 25/11/2024 17:15:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Marcos Clóvis Fogaça - UFBA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, cuja presença constante guiou e sustentou minha trajetória. Aos colegas de curso, professores, amigos e familiares, expresse minha profunda gratidão por todo apoio e incentivo.

Discente: Araly da Silva Santos **Professor orientador:** Thiago Carvalho Meira

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Estágio –TCE, visa apresentar uma reflexão sobre a influência da cultura e das festividades juninas em processos de jogos teatrais e brincadeiras em um abrigo de crianças e jovens na praia de Tubarão, no bairro de Paripe, Salvador – BA. Reflete também o processo de experiência das práticas pedagógicas em teatro, na formação da professora de teatro. Esse processo viabilizou a análise teórico-metodológica das práticas pedagógicas em suas abordagens no contexto do teatro. Teve por viés metodológico a pesquisa-ação. A teórica Viola Spolin rendeu contribuições para aplicabilidade dos jogos teatrais e improvisações. Enfim, adentrar no universo da licenciatura com ênfase na pesquisa-ação teatral é um percurso que tem uma rota, mas sem previsão do estante final da conclusão dessa pesquisa. Essa é a impressão que fica desse curso.

Palavras-chaves: teatralidade; cultura popular; quadrilha; jogos.

LISTA DE IMAGENS

1. Imagem 1	21
2. Imagem 2	26
3. Imagem 3	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. VENTILANDO AS NOÇÕES DE CULTURA E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL	9
3. BRINCANDO E ENSINANDO: DIÁLOGOS ENTRE TEATRALIDADE A CULTURA POPULAR	11
4. DAS MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COMO PEDAGOGA AOS ESTÁGIOS COMO PROFESSORA DE TEATRO	14
4.1. Estágios I e II – Educação Formal	16
4.2. Estágio III – O processo no lar Pérolas de Cristo	18
4.3. Quadrilha no improviso junino, sr. Zé!	24
5. NO CAMINHO DA DESPEDIDA ENTENDI QUE.	29
6. REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de estágio vai apresentar a cultura vista a partir das manifestações populares, mais especificamente a festa de São João, entendendo suas potentes relações com o ensino de teatro! Um importante ponto de partida para este trabalho é compreender a criança a partir de suas necessidades, evitando impor um modo de fazer teatro que parta apenas das convicções da professora. Em outras palavras, buscaremos “olhar a pessoa a partir do ponto de vista dela própria [...] [na qual] a cultura proporciona a criação da noção de pertença para que os povos reconheçam seus saberes, seus valores e reclamem sua autonomia” (Silva, 2021 p.10 e 11)

E tudo começa lá na minha infância, 1975 que deixou marcas inesquecíveis. Sempre, claro, relacionada aos amiguinhos(as) com os quais brincávamos abeça! Eram tantos jogos, cantigas populares que na rua eu brincava! Quantas saudades! Lembranças saudáveis que refletem em minha qualidade de vida hoje. Que contribuiu para o desenvolvimento biopsicossocial e espiritual com toda certeza. Viva a minha terra bendita! Bahia, Salvador, Paripe! Tizuko M. Kischimoto ilustra bem essa boa recordação:

O jogo e a criança caminham juntos desde o momento em que se fixa a imagem da criança como um ser que brinca. Portadora de uma especificidade que se expressa pelo ato lúdico, a infância carrega consigo as brincadeiras que se perpetuam e se renovam a cada geração. (KISCHIMOTO, 1993, p.11)

Esse universo de crianças que “livremente” brincam e jogam numa mistura de diferentes culturas, como podemos observar no “Lar Pérolas de Cristo”, tem um potencial grandioso para fazer teatro. E isto pode ser uma atividade transformadora. Foi nesta instituição em que propus, como proposta para cumprir o estágio III da universidade, uma experiência com bases nos jogos teatrais e suas possíveis relações com a cultura popular.

Acredito que a arte pode favorecer os indivíduos que ali residem, pode ajudá-los a expressar sua alma criativa diante dos jogos teatrais. Além disso, a arte pode conduzi-los ao exercício da cidadania, socialização e leitura de mundo.

Assim, o fazer teatral pode contribuir para o desenvolvimento do ser humano, descobrindo seu universo interior, emancipador, autônomo em meio a coletividade. E as festividades juninas entram nesse processo no intuito de elaborar com as crianças momentos de vivências da cultura nordestina.

Partindo do princípio que a ponte que liga a quadrilha junina as brincadeiras de São João passa pela improvisação e pela teatralidade, prosseguimos criando performances juninas, jogos

teatrais, para mobilizar as crianças a despertarem o desejo em participar das brincadeiras em grupo. Fortalecendo sua identidade com as tradições e novos saberes.

Segundo Pavis, para o espectador aberto às experiências da cena, a teatralidade pode ser, por exemplo, uma maneira de atenuar o real para torná-lo estético, ou erótico, ou uma terapia de choque destinada a conhecer esse real, e a compreender o político, ou ainda um embate potente de regimes ficcionais que parecem disputar a primazia de constituição do teatro, ou simplesmente, e por que não, o discurso linear de um narrador tencionado para o final do mito, mas que volta sempre o princípio. Ou uma categoria que se apaga sob formas outras de performatividade, descobrindo campos extra-cênicos, culturais, antropológicos, éticos. Ou a capacidade de mudar de escala, de sugerir e fabricar o real com a voz, a palavra, o som e a imagem. (Fernandes, 2009, p. 167)

Nos apontamentos de Fernandes (2009), ao analisar as reflexões de Pavis, entendo que a teatralidade pode surgir através da corporeidade que foi manifestada através da quadrilha junina onde embalados de emoções, gestualidades, musicalidade, ao som da voz vibrante que os conduziam, vivenciaram e reproduziram uma nova versão com o olhar teatral a cultural popular.

Na primeira parte do TCE, falo da cultura infantojuvenil e suas possibilidades interculturais na educação não formal. Há também uma abordagem da educação atual e as experiências pedagógicas no estágio I e II numa escola municipal de Salvador. Na segunda parte relato parte das experiências do estágio no abrigo “Lar Pérolas de Cristo” onde se desenvolveu atividades envolvendo os festejos juninos.

2 VENTILANDO AS NOÇÕES DE CULTURA E EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

As crianças do abrigo “Lar Pérolas de Cristo” vêm dos mais diferentes recantos do interior da Bahia. Trazem consigo diferenças culturais que refletem em seus “hábitos, histórias, costumes, religião e, até mesmo (ou principalmente), traços étnicos” (Silva, 2021, p.11) diversificados que nos mostram grande diversidade do povo nordestino/ brasileiro.

No “Lar Pérolas de Cristo” observamos um espaço propício para compreender a ideia de encontro de culturas, bem como de geração de cultura. Podemos definir cultura como um conjunto de costumes, modo de viver, de ser e agir num processo dinâmico perpassando por metamorfose que influencia a cada nova geração.

As crianças do “Lar Pérolas de Cristo” vêm de diferentes culturas. Ali passam por um processo de adaptação, no qual aprendem modos de convívio já estabelecidos pelas outras

crianças, que já estavam ali há mais tempo, mas também trazem características de sua própria cultura. Ao mesmo tempo, aprendem e oferecem algo novo. Notório que cada nova criança que chega ao abrigo, sempre vai ser acolhido(a) por outras que ali residem para lhe passar informações, explicar como se dão as relações naquele ambiente. Dessa forma vão trocando saberes.

Nesta perspectiva, e baseado nas leituras dos artigos de Maria da Glória Gohn (2014), entendemos a possibilidade de realizar uma intervenção, tendo por base a compreensão da noção de uma educação não-formal. Nosso objetivo ao propor essa intervenção foi a possibilidade de despertar nessas crianças a consciência e autonomia para fortalecerem esse processo de geração e compartilhamento de culturas. Nesse sentido, Filipe Silva (2021) aponta que:

nas culturas populares, admitimos que elas são construídas, reelaboradas e atravessam gerações com base nas trocas efetivadas com o respectivo momento histórico, a partir das individualidades dos sujeitos em diálogo com a coletividade, como também na fricção entre tradição e contemporaneidade. (Silva, 2021, p. 27)

Nesse ínterim, a cultura se manifesta em conformidade com seu autor e suas ancestralidade, na sua autêntica forma de ser, sentir, representar, estar no mundo com todo seu dinamismo, como diz Gohn (2014), a cultura é fruto de interações onde são construídos valores, modos de percepção, normas comportamentais e de conduta social, moral e ética.

A educação não-formal tem diretrizes, possibilidades e operacionalidade. É importante pensarmos a educação não-formal em contextos como este, ressaltando a dimensão humana de quem a sustenta: sejam professores, outros profissionais ou voluntários. O envolvimento dessas pessoas contribui para a formação dos alunos (ou das pessoas envolvidas no processo), estimulando uma postura mais ativa frente aos temas sociopolíticos e culturais.

Concluimos que a educação não formal é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade, destacando, entretanto, sua relevância no campo da juventude. Pelo fato de ser menos estruturada e mais flexível, consegue atingir a atenção e o imaginário dos jovens. Quando é acionada em processos sociais desenvolvidos em comunidades carentes socioeconomicamente, ela possibilita processos de inclusão social via o resgate da riqueza cultural daquelas pessoas, expressa na diversidade de práticas, valores e experiências anteriores. (Gohn, 2014, p. 42)

Refletindo sobre essa potência da educação não-formal na minha vida e como por ela também eu participei de processos de geração de cultura, mostrarei como tais processos me conduziram para o que desenvolvi no estágio, com ênfase nas brincadeiras populares e jogos.

3 BRINCANDO E ENSINANDO: DIÁLOGOS ENTRE A TEATRALIDADE E CULTURA POPULAR

...Temos as nossas danças, [brincadeiras]¹
 De expressão na cultura popular
 E também muitas andanças
 Que precisamos valorizar
 Vivas no corpo-memória
 Nós iremos relembrar
 [...]

 A gente dança dizendo quem é!
 Contando a nossa história
 Do fio do cabelo à ponta do pé
 Dando a mão à palmatória
 Pelo imaterial patrimônio
 De arte, de vida e de fé
 [...]

 (Silva, 2021 p.98)

Nesse transcurso, descrevendo para meu orientador, Thiago Meira, como estava sendo as aulas, ele me esclareceu que nos tantos momentos de brincadeiras poderiam ocorrer alguma improvisação, impulsionada pela teatralidade da brincadeira. Diante disso, Viola Spolin (2010) passou a ser uma importante fonte para refletir tais improvisações.

Eu fiquei feliz com aquela informação, reencontrei anotações que já havia lido e escrito sobre essa autora e então, percebi que estava envolvida no mundo teatral e as crianças já estavam revelando suas potencialidades, naturalmente.

Foi nessa troca de diálogos com o professor Thiago Meira que ele destacou autores como Filipe Silva, Adriana Amorim, Viola Spolin como possíveis suportes para minha reflexão. Também busquei outros autores, como Braulio Bessa, para fazer parte do meu repertório, por ele ser da região nordeste e casar bem com o subtema: festejos juninos, brincadeiras e jogos no abrigo “Lar Perola de Cristo”. Estou convencida de continuar nessa pesquisa.

E nesse percurso através das leituras, Viola Spolin (2010) mostra a importância da improvisação rompendo com a ideia de teatro feito só para plateia com espectadores. Ela defende a prática de jogos teatrais que favorece o ser humano exprimir espontaneamente a criatividade, a imaginação e a emoção através da improvisação.

¹ Crivo nosso

Há anos atrás, quando desafiada a treinar alunos (de cinco anos a adolescentes) em técnicas teatrais, essa autora voltou-se para uma abordagem de solução de problemas baseada na estrutura de jogos e exercícios que permitiram aos alunos absorver habilidade de teatro sem esforço consciente. Durante anos, mais de duzentos jogos e exercícios foram desenvolvidos para estimular ação, relação, espontaneidade e criatividade em grupo. Os alunos aprenderam mais por experiência do que por preleções e fórmulas feitas. A oficina orientada por meio do jogo teatral tornou-se a base para uma nova abordagem do teatro, florescendo em centenas de grupos de teatro improvisacional em todo o país (Spolin, 2010, p. 30).

De posse de tantas possibilidades de jogos que Spolin nos oferece, os quatro pilares — aprender a conhecer (competências cognitivas) aprender a conviver (competências sociais) aprender a fazer (competências produtivas) aprender a ser (competências pessoais) — estão aí muito bem enraizados, beneficiando o ser humano em sua totalidade.

Dona de uma “abordagem lúdica que possibilita a assimilação dos conteúdos e práticas dos participantes do jogo, que são estimulados à resolução de situações e problemas cênicos” (Canda, 2020, p.74), Spolin nos oferece esse material teórico-metodológico que tem sido usado largamente na escolas, que servem como “suportes que podem ser tecidos no cotidiano, atuando como energizadores e/ou trampolins para todos” (Spolin, 2008, p. 20 apud Canda, 2020).

Então, constatei nesse desenrolar das atividades, uma metodologia lúdica com uma abordagem fluida ao experimentar os jogos teatrais e sua possível ligação com a cultura popular. Logo se vê que o jogador/a passa por uma orientação no processo de jogo, corroborando para que surja dele/a o desejo de expressar seus pensamentos, sentimentos, percepções junto com o grupo. Desse modo compreendemos bem seu método de abordagem lúdica que tanto favorece a aprendizagem do participante do jogo.

Revisitando meu passado, posso lembrar das brincadeiras da infância como jogo do capitão; amarelinha; escravo de jó; o cravo e a rosa; Terezinha de Jesus; boca de forno; gangorra; três-três passará; cabra-cega entre outras que experimentei com a criançada na rua onde morava e também no centro espírita que frequentava a evangelização. Hoje percebo que foram dínamos de momentos educativos, mola propulsora do meu gosto pela arte.

Em consonância com Silva (2012), tudo que brinquei na infância faz parte da cultura popular, que por sua vez é direito de todos, independente de faixa etária: seja criança, adolescente ou adulto. “O ato de brincar e se divertir pertence a todos nós” (Silva, p.5, 2012) cidadãos de uma nação. Adriana Amorim (2023) coaduna com este pensamento ao afirmar que:

Tudo isso faz parte de sua memória afetiva, pessoal e coletiva. Tudo isso faz parte de sua história, das relações que você desenvolveu com sua família, com o espaço no qual cresceu, com as ruas pelas quais caminhou. Isso faz parte de como você construiu sua ideia de você mesma ou você mesmo, da imagem que criou para si. Essas experiências abriram espaço para a construção da pessoa que você é hoje, vai ser amanhã. A estudante, a professora, a mãe, a parceira, a chefe. Mas essas experiências não estão sozinhas na constituição do sujeito. Quando uma criança tem acesso a diferentes mundos nos bancos da escola, sobretudo dos anos mais avançados e, mais do que isso, têm acesso ao mundo sem fronteiras que há na leitura, uma nova possibilidade é adicionada em sua constituição. E é nessa hora que a professora ou o professor de arte, mais especialmente, pode fazer a grande diferença na vida de uma pessoa. É sobre as várias possibilidades de fazer essa que pode ser uma entrada triunfal na vida de cada estudante, que trataremos a partir daqui. (Amorin, 2023, p.26)

Assim, na adolescência [1981] fui convidada por Sr. Valter, diretor do grupo espírita, a evangelizar. Em um único salão de madeirite, afastava os bancos e, ali, com crianças em torno de 6, 8, 10 anos de idade, todo sábado, das 10:00 às 11:00, tinha um encontro marcado com a meninada. Fazíamos atividades que envolviam cantigas e movimentos: jogos, brincadeiras, leituras de estórias, dramatizações e cantigas de roda.

Esse panorama acima me abriu um leque de possibilidades na escolha profissional. Claro que sempre direcionada a área das ciências humanas e sociais. Essas experiências me levaram ao desejo de cursar teatro, depois pedagogia. Porém, inverti, pois precisava trabalhar para pagar os estudos.

Cursei pedagogia paralelamente já trabalhando no Sesi, com as crianças do pré-escolar e logo depois passei para professora do ensino público. Revisitando essa experiência, percebo que a educação formal pública não favorece os educandos em seu desenvolvimento integral: físico, psíquico, social, emocional e muito menos no espiritual. A área pedagógica só se preocupa com o cognitivo. E a categoria sofre por não ter o devido apoio do governo dignificando a importância do magistério. Como bem nos esclarece Freire (2018):

Tínhamos de nos convencer desta obviedade: uma sociedade que vinha e vem sofrendo alterações tão profundas... necessitava de uma reforma urgente e total no seu processo educativo. Reforma que atinge a própria organização e o próprio trabalho educacional em outras instituições, ultrapassando os limites mesmos das estritamente pedagógicas. (Freire, 2018, p. 117)

Paralelamente ao trabalho como educadora, [1988] busquei as oficinas de teatro para continuar alimentando o velho desejo. No entanto, pouco a pouco, fui me distanciando do sonho do mundo das artes. Cada vez mais fui me fechando até que fiquei sabendo no ano de 2020 da

abertura de um curso de licenciatura em Teatro à distância na UFBA. Imediatamente fiz a inscrição e aqui estou no embate: com muita luta e esperança. Foi assim que recuperei o sonho que estava adormecido. Hoje realizo os primeiros passos em ativar esse propósito de vida.

Sob um novo olhar proporcionado pelo curso, tentarei apresentar minhas experiências entrelaçando teorias e práticas pedagógicas que nos conduziram a escolhas no campo educacional do ensino formal e/ou não formal. Entre leituras e práticas a que fomos apresentados no curso de licenciatura chego para esta escrita do TCE considerando a importância, não só de entender a sala de aula sob seus aspectos cognitivos, mais o desejo de ir além. Observar o ser humano em sua totalidade: mente/espírito/corpo. Assim, compartilho nas próximas páginas os meus sabores e amargores experienciados nos espaços institucionais da educação formal e no espaço não-formal.

4 DAS MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COMO PEDAGOGA AOS ESTÁGIOS COMO PROFESSORA DE TEATRO

O encantamento pela pedagogia aflorou no transcurso em que trabalhava com o ensino para crianças no SESI em 1989. Tínhamos todo um aparato educacional dado pela empresa, pois sempre estávamos em educação continuada e contávamos com uma equipe administrativa, pedagógica, psicológica, dentista e espaço estruturado para receber as crianças da pré-escola. Lá, trabalhávamos com uma metodologia chamada 5S². Estava feliz e bem remunerada aos 20 anos de vida.

Após alguns anos, 1991 aproximadamente passei para rede pública de ensino, e fui *sorvida* pelo sistema educacional político pedagógico que tanto contribuí para os adoecimentos de corpos e mentes, num efeito dominó. Digo isso, porque os alunos/as tornam-se amarras da mesmice, ficando engessados.

O professor, vítima da massificação do sistema, valoriza só o campo cognitivo do aluno(a), pois sua formação acadêmica não o preparou para ter competências e habilidades para cuidar de suas emoções e muito menos do alunado, resultando no caos complicado, que se proliferou pelo mundo, colapsando o sistema educacional, parafraseando Cury (2019). Nesta linha de raciocínio, o relatório Jacques Delors enfatiza:

² O 5S é uma metodologia de origem japonesa que visa organizar o ambiente de trabalho através de cinco conceitos: Seiri (senso de utilização), Seiton (senso de ordenação), Seiso (senso de limpeza), Seiketsu (senso de padronização), Shitsuke (senso de disciplina).

[...]. O ensino conteudista já mostrava seu fracasso desde a segunda metade do século e era urgente assumir uma nova postura tanto nas formas de ensinar, quanto nos objetivos da educação. Se aplicado com atenção e honestidade, a proposta dos quatro pilares: aprender a conhecer (competências cognitivas) aprender a conviver (competências sociais) aprender a fazer (competências produtivas) aprender a ser (competências pessoais) teria alterado de forma profunda as práticas pedagógicas.[...] (Delors, 1998, p.37 In Amorim, 2022, p. 37 e 38)

Vemos então que, aglutinando as propostas de Augusto Cury e Jacques Delors em favor de efetivamente se renovar aplicabilidade da educação para alavancar o progresso individual e integral do ser humano, é urgente se forçar modificações na base estrutural.

Nesse decurso do tempo, eu, de antemão, ao perceber quando está chegando no limite das forças físicas, mentais e emocionais, por vezes busco ajuda psicológica. Peço licença sem vencimento ou licença prêmio todas as vezes que for necessário para me desconectar do ambiente rígido do chão da escola, visando realinhar a mente cansada do frenesi da sala de aula. Estou ciente dessa exaustão por falta de disciplina e educação emocional.

Ao retornar dos descansos preventivos, por vezes urgentes (pois, na maioria das vezes, o sistema nervoso aponta descompasso com a respiração), sempre sou aconselhada pelos médicos a fazer algum tipo exercício físico, buscar válvulas de escape. Será que apenas esses são os mecanismos suficiente para se conservar uma mente saudável? Creio que a realidade é que a docência precisa da parceria com as terapias para que se mantenha uma boa qualidade de vida. As fronteiras das emoções se harmonizarem com o próprio eu.

Assim, ao retomar a frente dos trabalhos, sempre me interrogo: O que posso melhorar na minha postura como pessoa? Que devo modificar na minha ação pedagógica? O que preciso aprender para semear possibilidade de aprendizagem ao redor dos educandos? Afinal, minha busca ao longo do tempo foi saber: que prioridades devemos tomar como urgentes para transformar a educação?

Essa atenção ou reflexão, acredito que salutar, é a mola propulsora que me impulsiona a investir na pesquisa-ação-experimentação em teatro. Para isso dei um giro de 360° de investimento na linha pedagógica para apurar se através da Licenciatura em Teatro conseguiria responder aos velhos questionamentos e, assim, dar mais dinamicidade nas aulas e ampliar as percepções, a proatividade em meu ser vivo pensador.

Percebo que no campo das artes e em particular o teatro, tem se realizado, ao longo do tempo, um rompimento com a linha cartesiana, linear da educação (digo em sala de aula, o que não acontece com a matemática, que leciono atualmente). Já as pesquisas acadêmicas na área

das artes têm possibilitado investigações que o ser humano deixa sua subjetividade aflorar: manifestar as emoções, liberar a criatividade, suas crenças, valores, inventividades. Tudo isso utilizando-se de metodologias inovadoras.

Ou seja, “justamente a arte enquanto pesquisa, instaura um campo sensorial de experiência e liberdade identitária num retorno ao real (Foster, 1996) imprevisível e fundamental” (Fernandes, 2014, p.78). O que reflete em uma pedagogia teatral mais condizente com o ser humano em formação.

Paradoxalmente a posição governamental brasileira tem conduzido o sistema de ensino sem acompanhamento com ritmo do progresso que passa o planeta Terra. Sem nenhum olhar por uma educação emancipatória, na qual seus profissionais tenham a devida dignidade diante do papel que exerce para o desenvolvimento do povo e da nação.

Entretanto, é bem pertinente e esperançoso o que Ricardo Japiassu (2001) nos traz. Ele sinaliza a importância das artes, e em particular o teatro, como *sine qua non* na vida do sujeito em formação e sua estadia no mundo. Assim, nas suas palavras reforça que:

Na rede pública, não é difícil constatar que o gerenciamento autoritário das unidades de ensino, a carência de espaços adequados para o trabalho com as artes, a superlotação das classes, as instalações escolares precárias e os baixos salários pagos aos trabalhadores da educação têm afugentado a competência profissional (isso não só em relação ao ensino das artes). Contudo, por outro lado, as pressões sociais e políticas da economia de mercado em processo de globalização e automação crescentes passaram a exigir a formação multilateral do educando, sinalizando a valorização do teatro e das artes na escolarização dos sujeitos. (Japiassu, 2001, p. 67)

Mas, para haver essa implementação em definitivo do teatro e das artes na educação, faz-se necessário a expansão de professores-pesquisadores, inovando os meios de pesquisar, buscando autenticidade. Concluo como a afirmação de Fernandes (2014):

As artes hoje têm meios de estabelecer seus próprios métodos e abordagens, atualizando contextos e desmontando preconceitos ultrapassados de pesquisa que nos usam como objeto para discutir mudanças dentro de formatos engessados, portanto sem condições efetivas para realizá-las. Assumindo nossos próprios métodos, nos tornamos sujeitos de nossa própria história, e podemos inverter essa lógica colonizadora e hegemônica e passar a influenciar os demais campos em meios e modos bem mais flexíveis e coerentes com uma (nova) realidade contemporânea. (Fernandes, 2014, p.78)

4.1 ESTÁGIOS I E II - EDUCAÇÃO FORMAL

Retrato mundial do século XX/XXI: a criança adentra no ambiente escolar cheia de disposição, com grande capacidade de inventividade, com diversidade de construção do pensamento para acomodação da aprendizagem, com expectativas, mas o “detentor do saber” acaba por bloqueá-las. Deixam-nas limitadas, insensíveis, sentindo-se impotentes, medrosas, silenciadas, estáticas, com falsa ilusão de que estão progredindo intelectualmente.

Ao contrário desse quadro que percebo na educação formal, presenciei no estágio I e II no Colégio Municipal Alfredo Amorim (Salvador), através do professor de teatro Natan Duarte, o que é exercer um trabalho comprometido com a mente, corpo, emoção de cada estudante. Sua poética pedagógica me surpreendeu: superando os entraves do ensino público, ele desperta o interesse dos jovens para as artes.

Com ele observei possibilidades de novos caminhos para a construção da afetividade entre educando e educador. Ouvei declarações de alunos encantados em participar da aula de teatro porque gostavam do professor. O certo é que presenciei aulas ativas, com todos os alunos em roda, em pé. Todos faziam questão de participar. Quando em grupo, entendiam o objetivo da tarefa, poucos foram os que não deram valor ao trabalho proposto.

Nos primeiros encontros, apenas observando seu trabalho educativo, percebi um perfil profissional comprometido e defensor da pedagogia libertadora. Suas aulas, com um mister de teoria seguida de prática, um elo de responsabilidade e respeito à arte teatral e à pesquisa teatral. Com determinação e domínio de conteúdo/técnicas/metodologia, ele cativa os alunos e alunas conduzindo-os aos caminhos do conhecimento e reconhecimento de suas potencialidades.

Um dos momentos marcantes neste estágio foi ver a condução do professor Natan dirigindo uma proposta de teatro imagem. A turma foi dividida em grupos de 4/5 alunos com um total de 20 alunos/as. Elas/eles se envolveram, participaram e ficou visível que através do jogo teatral as situações humanas relativas ao que vivenciam na sociedade se refletiu quando expressaram sugestões para ser transformada em cena, encaixando-se perfeitamente as técnicas idealizadas pelo teatro do Oprimido de Augusto Boal.

A oportunidade de ter observado essa experiência com teatro-imagem nesta aula, me fez perceber a importância do trabalho em grupo, em particular este proporcionado pelo teatro. Como bem afirma Viola Spolin (2005), “atuar no teatro requer criação de grupo, em oposição a criar individualmente, apenas uma nova ideia de como as coisas deveriam ser” (Spolin, 2005,[1963] p. 341 in Ramaldes e Camargo, 2017, p 121). Assim, foram também implementados em outras aulas jogos teatrais com base na improvisação sistematizada por Viola Spolin. Como ela própria define:

Jogar um jogo; predispor-se a solucionar um problema sem qualquer preconceito quanto à maneira de solucioná-lo; permitir que tudo no ambiente (animado ou inanimado) trabalhe para você na solução do problema; não é a cena, é o caminho para a cena; uma função predominante do intuitivo; entrar no jogo traz para as pessoas de qualquer tipo a oportunidade de aprender teatro; é “tocar de ouvido”; é processo, em oposição a resultado; nada de invenção ou “originalidade” ou “idealização”; uma forma, quando entendida, possível para qualquer grupo de qualquer idade; colocar um objeto em movimento entre os jogadores como um jogo; solução de problemas em conjunto; a habilidade para permitir que o problema 140 Karine Ramaldes, Robson Corrêa de Camargo de atuação emergja da cena; um momento nas vidas das pessoas sem que seja necessário um enredo ou estória para a comunicação; uma forma de arte; transformação... processo vivo. (SPOLIN, 2005 [1963], p. 341 In RAMALDES; CAMARGO, 2017)

Ao assumir o estágio II (docência), creio que meu maior desafio foi a pouca experiência teatral. Tive a assistência do professor Natan durante o percurso, me colocando na linha de frente, incentivando para eu adquirir postura com energia, sempre dando dicas para eu saber lidar com a turma. Essas dicas contribuíram para eu construir manejo de classe com mais assertividade.

Saí desse momento inesquecível, levando comigo a certeza que a estrada é longa, mas a perseverança era bem maior para vencer os desafios que a área educacional exige. E o exemplo inesquecível que vivi com o mestre regente que com profissionalismo e amor, faz acontecer transformações, espalhando esperança e alegria nos corações dos guris que o rodeiam, foi fundamental em minha trajetória. Minha eterna gratidão: ao mestre com carinho.

A próxima etapa do estágio, sem apoio de um professor regente, foi muito desafiadora. Minha proposta foi experimentar a teatro na educação não formal.

4.2 ESTÁGIO III - O PROCESSO NO LAR PÉROLAS DE CRISTO

Para iniciar esse relato de minha proposta de teatro no lar Pérolas Cristo, anarriê se faz preciso (!)é preciso novamente retomar questões importantes da minha infância, pois precisei buscar lá algumas das possibilidades de criação que realizei aqui. Em especial, busquei nas brincadeiras e na cultura popular que eu vivi, a possibilidade de criação que lancei mão enquanto professora de teatro. Anarriê, as memórias infantis!!

Escolhi o Lar Perolas de Cristo por acreditar que lá o teatro pode ser uma atividade transformadora. Acredito que a arte pode favorecer os indivíduos que ali residem, pode ajudá-los a expressar sua alma criativa através das brincadeiras, jogos e tantos outros desafios teatrais. Além disso, a arte pode conduzi-los ao exercício da cidadania, socialização e leitura de mundo. Assim, o fazer teatral pode contribuir para o desenvolvimento do ser humano, descobrindo seu universo interior, emancipador e autônomo em meio a coletividade.

A instituição “Lar Perola de Cristo” é composta de 10 lares que são dirigidas por mães sociais, tem uma administração com seus gestores (coordenadora; supervisora), professores para reforço escolar; apoio administrativo; auxiliares na área externa; cozinheira; porteiro; assistente social; psicóloga; auxiliares para serviço gerais, motorista; fica situado em Praia de Tubarão, Paripe – Salvador. É uma instituição filantrópica conveniada com órgãos públicos.

Acolhe crianças e adolescentes de 0 zero até 18 anos em risco de vulnerabilidade social. Todas elas têm acesso aos estudos em escolas públicas e no contraturno participam de oficinas oferecidas por pessoas que dá o curso na própria instituição ou são levados (assistidos) para escola laboratório – (Escolalab) que fica em Coutos, bem próximo.

Neste ambiente em que vivem, tem o formato de residências, pois convivem com uma mãe social. Onde cada casa não ultrapassa 10 assistidos. Nesta comunidade contam com uma enfermaria, biblioteca, refeitório para os funcionários, depósito diversos, casa de música, quadra de esportes, parquinho, sala de produção de arte visuais, sala de eventos culturais, tem um laboratório de informática, sala dos administradores, recepção, assistência social, psicólogo, apoio pedagógico e reforço escolar.

Em contato com a equipe pedagógica foram selecionadas 20 crianças que estavam com horário disponível para participar naquele primeiro momento. Elas estavam na faixa etária de 7 a 13 anos. Então dividi uma turma para o matutino, com crianças de 7 a 9 anos, e outra para o vespertino, com os maiores, de 10 a 13 anos.

Até então, meu projeto iniciaria com brincadeiras e jogos tradicionais e na segunda etapa a proposta era trabalhar a estória “Carolina” que conta a trajetória de Carolina Maria de Jesus do autor Orlando Nilha, de 2019. Carolina Maria de Jesus foi uma mulher afrodescendente que gostava de ler e escrever e que muito lutou para realizar seu sonho de publicar livros. O prefácio do livro selecionado para peça, diz:

“Os textos simples e as belas ilustrações levarão os pequenos leitores a uma viagem repleta de fatos históricos e personagens que se transformaram em símbolo de resistência e superação. Esse livro é voltado para crianças e adolescentes. A ideia é que elas percebam que podem ter representatividade negra desde a infância”. (NILHA, 2019, s.p).

A importância de escolher essa história era para que tivéssemos um referencial humano que mesmo com todas as dificuldades materiais não desistiu de seus sonhos. Propus uma metodologia que aguçasse a todos, que nos levassem ao encantamento pelo tema (brincadeiras populares e festas nordestinas) que foi sendo delineado em conformidade com a dinâmica daquela realidade institucional.

E nesse ínterim fui “desenhando” novas perspectivas de ações com os grupos de crianças. Em cada novo encontro a nossa rotina sempre foi iniciar com música para relaxamento e em seguida alongamento com a finalidade de sentirem-se (corpo/mente/eu).

Apoiada nas leituras de Adriana Amorim (2023) que tece ideias sobre instrumentos de planejamento pedagógicos, alinhada as categorias, organização dos jogos, estruturei os primeiros momentos (20hs) envolvendo brincadeiras populares como: citar nomes; queimada; coelhinho na toca; dinâmica do mestre; brincadeira do espelho; jogos de imitação na roda grande. “E neste ponto, em que tocamos na relação entre arte, ludicidade e jogo, retornamos para nossa dimensão do jogo no fazer teatral e no ensino de teatro a partir de nossa experiência local” (Amorim, 2023 p.29).

Alguns percalços aconteceram nessa trajetória. Episódios que atravessaram a rotina das aulas que conduzi, que desmontaram o bom funcionamento das atividades pedagógicas. Para ilustrar, cito alguns:

- Alguma criança ter que sair abruptamente, para ir atender uma demanda externa (ir para laboratório de informática; participar de triagem; mãe que ordenava ir para casa); o que atrapalhava a aula devido à interrupção;
- A inconstância no grupo, havendo sempre um ou mais novos assistidos na roda de conversa e ausência de outros. Dessa forma, ficou inviável definir quem assumiria os personagens do livro “Carolina”. O intuito de encenar alguns trechos para apresentação no final do estágio ficaria comprometido.

Por vezes, ao chegar na instituição recebia a notícia que as crianças tinham sido levadas para uma oficina. Isto mexia com o meu planejamento e, com isso, se convocava os menores, apesar de não ser o horário deles, para substituir o que se havia projetado para aquele turno. Neste panorama como educadora precisei muito manter a serenidade, disposição e persistência em permanecer com o projeto.

Embora ocorridos alguns desses momentos, a oficina seguiu seu plano e desenvolvi algumas atividades com os alunos.

Em um dos encontros, formamos a roda, como parte de nossa rotina, após atividade de relaxamento e alongamento. Foi proposto o jogo coelho na toca. Os alunos participaram ativamente. Orientei que os pares, de frente um para o outro, de mãos dadas, formassem a toca. Teria um coelho a mais, que o número de tocas. Ao sinal (batidas de palmas) todos correriam a procura de uma toca para entrar. Quem não conseguisse, assumiria o lugar de toca. E outro colega passa a participar da brincadeira como coelho.

A maioria não conhecia essa brincadeira popular. Meu objetivo nesse trabalho foi favorecer a sociabilidade, a observação, agilidade, ter noção de tempo e espaço, paciência, experimentar, desenvolver a coordenação motora; aprender a ganhar ou perder; ativar a imaginação.

A partir dessa atividade do coelho na toca, busquei conexão com a teatralidade, o faz-de-conta. Pedi que imitassem o coelho em busca de cenoura e saíssem a procurar pela “horta”. Momento em que alguns, ao se conectarem com aquela ideia, se distraíram e afastaram-se da toca. Todas as vezes que ouvissem a batida das palmas retornavam para a toca, mas nem sempre poderiam entrar, pois já havia um novo morador. Nesses jogos, por vezes, algumas crianças ficaram desapontadas diante da perda e não queria mais brincar. Outras aceitavam (a perda) as regras do jogo e a troca de lugar, mesmo ainda querendo fazer o papel de coelho.

Imagem 01: crianças durante a brincadeira/improvisação do coelho



Foto: Orrana

Ocorreu, durante o jogo, uma certa tensão, pois alguns jogadores se posicionaram em curto espaço do perímetro da toca, para garantir a posse da toca. Eu repetia para que andassem livres pela horta, lembrava que eram coelhinhos, mas muita ação e estratégia diferenciada eles criaram para entrar na toca esquecendo o próprio personagem. O que Japiassu (2008, p.79) nos esclarece:

Observa-se que as propostas de teatralização de jogos tradicionais infantis são aceitas com entusiasmo pelos estudantes das séries iniciais do ensino fundamental; no entanto, a própria dinâmica e movimentação ágil exigida dos participantes em alguns dos jogos acarreta quase sempre o abandono de características dos papéis assumidos nessas atividades por determinados períodos de tempo, principalmente quando o jogador precisa se locomover com rapidez para pegar parceiros de jogo ou para não se deixar pegar por eles. (Japiassu, 2008, p.79)

Nesse dia, em específico, notei que uma menina ficou chateada por não ter conseguido entrar numa toca. Para o jogo não parar, um colega solidário trocou com ela.

Em seguida foram chamados a grande roda. Expliquei que iríamos fazer uma atividade, onde iríamos criar histórias curtas usando as palavras que eles próprios fossem respondendo mediante as perguntas feitas através da técnica tempestade de ideias. Com isso iria promover a comunicação oral; a ordenação de pensamento; estimulação da imaginação e criatividade; a escuta; a sequência de ideias entre os participantes de cada grupinho.

Então perguntei para todos os participantes: “Quais as frutas que mais gostavam?” Responderam animadamente: “Banana, manga, goiaba, abacaxi, laranja” etc e assim foram exemplificando quais os tipos de alimentos que gostavam no almoço: galinha cozida, feijoada, arroz, carne. Quais as brincadeiras preferiam?

Para isso formei pequenos grupos de 3 componentes. Pedi que criassem uma história curta para contar aos colegas utilizando as palavras que foram levantadas na tempestade de ideias. Mas, para minha surpresa, subverteram a lógica do jogo e usaram palavras que não estavam no início do jogo.

Nessa atividade, que foi proposta nos dois turnos, as palavras que mais usaram foram “fezes”, “côco”, “bosta”. Percebi, naquele momento, que todos os grupinhos de 3 ou 4 participantes adentraram numa linguagem subjetiva, no mundo da inventividade, onde não havia sequência lógica das ideias. Pois, completavam as ideias sem preocupação em dar sentido as frases.

Entre risos e gargalhadas extravasavam suas emoções, entendi que todos imitaram e deu asas à imaginação na mesma linha de raciocínio dos grupos anteriores para que se prolongasse

aquele clima de descontração entre eles/elas. Como professora fiquei numa posição de espectadora que ficou surpreendida, incomodada. Mais quando leio a citação abaixo compreendo aquele momento manifestado pelas crianças:

[...] Spolin define imaginação também como um modo de “criar sua própria ideia de como as coisas deveriam ser”, e na inventividade apresenta a definição de “rearranjo dos fenômenos conhecidos”, temos implícita a ideia de “reorganização do material velho e conhecido em um novo material”, como apontado por Dewey no seu conceito de imaginação. Este rearranjo fatalmente inclui a relação entre objetividade e subjetividade externadas, no caso do jogo teatral, na ação realizada pelo educando/jogador em seu processo de apresentação a outros jogadores/educandos. (Ramaldes e Camargo, 2017, p.121)

Interessante notar que após ter participado do jogo, Mt (nome fictício) pediu e eu consenti que ele mostrasse uma brincadeira. Notei que em sua experiência ele ficou impressionado com seu “poder de voz”. Percebi que ficou mexido internamente e, talvez, não soube lidar com as próprias emoções e desistiu de continuar à frente da brincadeira que todos estavam gostando. Anunciou que iria sair, e foi embora. Fiquei impossibilitada de ir conversar com ele e deixar a turma sozinha. Não registrei o nome do jogo. Percebi o quanto ele tem o perfil de liderança, menino curioso, sempre com iniciativa de participar das atividades. Fico a imaginar que ele descobriu algo novo. Ficou surpreendido com o comando que estava dando ao grupo. Situação que requer mais investigação para compreender aquela atitude inesperada.

Apoiando-me nos estudos de Amorim (2022), tive que despertar um novo olhar diante do processo desafiador de emersão coletiva, pesquisa, entrega e ordenação, me apropriando de uma escuta ativa diante do grupo. Visto ser um grupo de crianças que por vezes se estranham, ora estão numa interação, mas com constante oscilação de comportamento em seus relacionamentos.

Retomamos a roda e busquei saber o que gostaram naquele encontro. Uns disseram da brincadeira do coelhinho; outros nada responderam e uma menina esperava ganhar doce. A conversa encerrou com Mt pedindo para contar uma outra estória. E relatou a brincadeira que havia vivenciado pele manhã. Neste momento notei a necessidade dele em expressar uma ideia objetiva, concreta, após ter saindo daquele alvoroço.

Fazendo uma retrospectiva dos momentos vividos, percebo que houve uma emersão das brincadeiras e jogos que fazem parte de nossa cultura popular. Silva (2012) discorre sobre a interseção que há entre brincadeiras, folclore e os jogos populares que cultivamos através da linguagem oral, e que são transmitidos de geração a geração com suas devidas alterações ao longo do tempo.

Nesse viés houve uma troca de aprendizagem a partir de jogos e brincadeiras populares que eles e elas também sugeriram e vivenciaram. Eu apreciei observando a desenvoltura de crianças que hora comandam e hora são comandadas na lógica de cada jogo. Todos interagiam, enfrentavam desafios e conflitos durante todo o processo de convivência social.

Um exemplo de brincadeira trazido pelas crianças foi o jogo “cacique”. Nele, todos os participantes sentam em roda, e o grupo escolhe uma pessoa para ficar de fora e outra para ser o cacique. O cacique decide um gesto para que todos da roda façam, e só ele pode mudar. A pessoa que ficou de fora volta e tenta adivinhar quem é o cacique. Se a pessoa acertar, troca de lugar com o cacique. Se errar, o grupo sugere que ele pague com uma prenda. O jogador tem direito a apontar três vezes quem é o cacique.

Em momentos como esse, a teatralidade entra em cena: as prendas sugeridas eram: imitar animal, dançar, etc. Vemos emergir a criatividade, a imaginação, a emoção. Algumas vezes houve recusa a sugestão, demonstrando resistência. Então, novas sugestões foram dadas até que o participante em débito pagasse a prenda.

E nesse movimento dos jogos teatrais adaptados dos jogos tradicionais observei o quanto essa atividade dispara tanto cognitiva como emocionalmente no ser humano, comportamentos que revelam ideias que se manifestam durante os processos criativos. Anunciando movimentos do objeto de estudo da pesquisa ação, como afirma Urania Oliveira, 2023. Ela própria propõe:

A análise das etapas do processo criativo, são identificados os pontos fortes e as limitações do grupo, e então uma ação é planejada para melhorar essas limitações. Em seguida, a ação é implementada e avaliada em termos de seus efeitos no processo criativo do grupo”. Assim se desenvolve a pesquisa ação. (Oliveira, 2023, p.35)

O método em questão nos propõe realinhar a partir da construção criativa o que foi observado durante um jogo teatral e que diante da análise do pesquisador faz-se necessário experienciar novamente jogos para harmonizar o que próprio grupo avaliou com desaprovação, se for o caso.

4.3 QUADRILHA NO IMPROVISO JUNINO, SR. ZÉ!!!

Na 2ª etapa do estágio III, as atividades foram direcionadas para as festividades juninas, no intuito de elaborar com as crianças momentos de vivências da cultura nordestina.

Fortalecendo sua identidade com as tradições e novos saberes. Com isso decidi não mais seguir com o projeto “Carolina” que havia anunciado. Creio que haverá uma outra oportunidade para isso. Para isso tive a contribuição das professoras e funcionários do Lar. Prof^a Orrana Santos Silva Garces e Prof^a Telma Maria Pereira dos Santos.

Segui o planejamento com dois grupos. Os menores, de 7 a 9 anos, foram orientados a participarem da “Roda Menina Bonita”. E os mais velhos, 10 a 13 anos, participariam da quadrilha que eu fiz as marcações. Duas crianças manifestaram um certo descrédito ao ver as brincadeiras da quadrilha no início dos encontros, por mero desconhecimento cultural.

Partindo do princípio que a ponte que liga a quadrilha junina, brincadeiras de São João ao teatro é a improvisação, a teatralidade, seguimos com o som do forró instrumentalizado, criando coreografias juninas e jogos. Queria que as crianças despertassem o desejo em participar da brincadeira em grupo.

Só evitei falar sobre casamento na roça, pois são crianças vindas de lares em reestruturação. Elas estão afastadas do ambiente familiar de origem por variadas situações que as impedem de estar com sua família. Creio que não seria interessante teatralizar os personagens que compõe o núcleo familiar como pai, mãe, gravidez, principalmente. Não sabia mensurar até que ponto essas lembranças poderiam afetá-las. Por esse motivo desisti desse episódio.

Com esse novo propósito, iniciei um novo plano. Levei o grupo de participantes, cada um em um turno pré-agendado, para o laboratório de informática, para assistirem vídeos com apelos sonoros e imagéticos contando a história junina através de desenho em ritmo musical (estilo cordel).

Fiz algumas perguntas relacionadas ao vídeo como: que mais você gostou de assistir no vídeo? Lembra que festa? Quais as brincadeiras que você conhece para brincar nesse período do ano? Quais as comidas que oferecem nessa festa? Você já dançou forró? Entre outras. As crianças responderam. Nesses bate-papos, perguntei se gostariam de participar das brincadeiras juninas? A provação maioria entre os alunos.

Retornamos para sala, fizemos a roda, conversei sobre as intenções em realizar a quadrilha da festa junina.

Ao longo dos ensaios nos dias subsequentes notava-se entre eles uma busca por aproximação com os colegas, visando convidá-los para formar dupla junina, momento em que alguns se estranharam e se reaproximaram. Segui com as brincadeiras juninas e jogos teatrais.

Novo encontro, nesse dia só ensaio. Após a roda, orientei que ao ouvirem meu comando fossem criando movimentos: Tá chovendo; pula ponte; olha a cobra; olha o fogo... e nesse compasso as crianças se divertiam e iam criando meios diferentes para representar o jogo junino. Criavam movimentos pela sala, ora em fila, ora em pares, de mãos dadas.

Houve pausas para lembrar os combinados como: não corrigir os colegas; não bater no outro; pois a ansiedade, a impaciência, agressividade verbal e física eram visíveis entre eles/elas.

Em outro dia, após a rotina, liguei o som e deixei que brincassem ao som de música junina criando passos com os colegas. As crianças inventavam movimentos livremente. Retornando a roda, ao som do forró, as crianças demonstraram passos para dançar na roda, como “conduzir” a quadrilha.

Sempre no final do encontro fazia uma roda e pedia que dessem as mãos. A mão esquerda ficava embaixo, a direita em cima, com o intuito de fortalecer os laços afetivos e agradecer a presença delas/es naquele dia. Ouvia suas impressões e o que acharam daqueles momentos. Então nos despedíamos.

Imagem 02: momento de ensaio da quadrilha



Fonte: Orrana

Segundo momento: ao som da música junina instrumental ensaiamos passos,

corrigimos, modificamos. O processo seguia a lógica na qual um aluno mostrava ideias para fazer movimentos corporais, outro dava sua sugestão, outros pediam para repetir ou imitarem. Havia disputas entre eles/elas para ver com quem formariam par. Houve momentos de conflitos quando algum deles/as não ficava com quem pretendia dançar a quadrilha. Foram vários encontros onde experienciamos expressões corporais e jogos teatrais ao som das músicas juninas, aprendendo, brincando.

No processo de ensaio da quadrilha continuava valendo de jogos teatrais para, em especial, reelaborar o convívio e resolver certos conflitos.

A solução dos problemas exerce a mesma função que o jogo ao criar uma unidade orgânica e liberdade de ação, e gera grande estimulação provocando constantemente o questionamento dos procedimentos no momento de crise, mantendo assim todos os membros participantes abertos para a experimentação. Uma vez que não há um modo certo ou errado de solucionar o problema.[...] (Spolin, 2010, p.19)

Minha curiosidade era saber porque demonstravam a vontade de participar das aulas? Seriam os jogos? Era a quadrilha a grande atração que esperavam a cada novo encontro? Nem sempre sabia. Acho que o encontro em si, a presença uns dos outros, apesar dos atritos, era essa resposta. Sendo assim, notei o quanto o ser humano é um ser de relação. Busca através das interrelações seu próprio crescimento e troca de experiências no campo sócio-afetivo com os outros.

Uma menina adolescente questionou: “Vamos apresentar em algum lugar a quadrilha?” Logo entendi o desejo dela: subir no palco! Mostrar nossa cultura junina! Ter contato com outras pessoas, espalhar momento de alegria, adrenalina. Sinal que as “sementinhas” começavam a fazer parte de seus sentidos.

Esclareci que nossa oficina encerraria sem apresentação externa, apenas com grande ensaio geral. Visto que a coordenadora da instituição não liberou os assistidos para fazerem viagem intermunicipal. Neste caso refiro-me em levá-los para Feira de Santana, como era a ideia proposta na mostra do Estágio III.

Nos dois últimos encontros comentei sobre maquiagem e apresentei o figurino: chapéu caipira, passadeira decorada, vestidos de babados e pedi aos meninos que vestissem calça e camisa.

Combinei com as turmas o nosso último ensaio. Neste, eles se esforçaram para estar presente. Todos estavam ansiosos. Apenas um menino, a mãe não consentiu ele faltar aula, visto que teatro de nada acrescentaria para o futuro dele, segundo ela. Então, ele, muito

contrariado, foi para escola nesse dia.

Mesmo com pouco tempo, ambientei a sala com clima junino: mesa com alimentos típicos (amendoim, laranja, paçoca, milho, bolo), música de forró instrumental, fotos enviadas pela coordenadora Veronica. A filmagem foi feita no celular por dois meninos assistidos (13 anos). A professora Orrana Santos Silva Garces ficou operando o som e Professora Telma Maria Pereira dos Santos acolhendo as crianças menores.

Enquanto isso, chamei a turma para marcar a quadrilha no ritmo da música junina. Não tinha novos espectadores. Apenas as professoras com quem eles convivem diariamente, e as crianças menores que acompanharam todo o processo.

A quadrilha Pé de Moleque, assim apelidados, demonstraram um pouquinho de nervosismo a princípio, mas a alegria desabrochou no meio do “salão”. Semblantes com sorrisos largos, brincaram e apresentaram a quadrilha como um momento de realização.

Durante a apresentação na grande sala, um menino não ficou com o par que ele queria, recusando-se a continuar na brincadeira. Mas o fato é que não havíamos combinados seleção de pares. Em meio a esse contra tempo, a coordenadora entrou para fazer par com uma menina novata que estava participando naquele momento. E o clima de alegria continuou e a teatralidade fez parte desse espetáculo junino. No término do ensaio geral, todos degustaram as comidas típicas e se despediram.

Em seguida, após a saída da quadrilha, nesta mesma sala, entraram as crianças menores. Fiz a maquiagem e dei adereços que lembravam a festividade junina. Formaram uma grande roda segurando na ponta da saia da professora Araly e ao som da música “Menina Bonita do Laço de Fita” de autoria Cagério de Souza, cantaram, movimentaram-se no ritmo da música com descontração. Este momento contou com a participação das professoras Telma, Rose, Orrana. Fizeram poses, tiraram fotos, receberam alimentos típicos da festa de São João. Foi uma folia...

Imagem 03: apresentação da quadrilha



Fonte: Orrana

5 NO CAMINHO DA DESPEDIDA ENTENDI QUE...

Uma reflexão crítica sobre o processo não pode ser romantizada, por isso perceber as aflições que ele nos causa é importante para buscar resoluções. Alguns pontos me incomodaram nesse percurso de aprendizados constantes. Um deles é o contexto em que se deu esse estágio: um ambiente próximo à reclusão, onde o tempo para execução das atividades fora diversas vezes quebrado ou interrompido. A colaboração dos técnicos de plantão foi necessária para que se efetivasse as atividades nos primeiros dias naquela instituição.

Também me incomodou quando alguma criança tinha que sair abruptamente, para ir atender uma demanda externa (ir para laboratório de informática; participar de triagem; mãe que ordenava ir para casa). As interrupções atrapalhavam a aula. Também ressalto a inconstância no grupo, havendo sempre um ou mais novos assistidos na roda de conversa e ausência de outros. Dessa forma, ficou inviável definir quem assumiria os personagens do livro “Carolina” cujo intuito no início do processo era encenar alguns trechos para apresentação no final do estágio.

Por vezes, ao chegar na instituição recebia a notícia de que as crianças tinham sido levadas para uma oficina. Isto mexia com o meu planejamento e com isso se convocava os menores, apesar de não ser o horário deles, para substituir o que se havia projetado para aquele

turno. Neste panorama como educadora precisei manter a serenidade, disposição e persistência em permanecer com o projeto.

O outro lado da moeda...

Por outro lado, as conquistas devem ser comemoradas. Neste processo percebi que a teatralidade presente nas brincadeiras e jogos tradicionais possibilita o resgate de nossas riquezas culturais nordestinas. Podemos celebrar e resgatar as manifestações artísticas do nosso povo através da música, do vestuário caipira, comidas típicas, danças e brincadeiras que surgiram a partir da criação teatral que incorporamos na oficina.

Por hora podemos notar o quanto foi enriquecedor ter participado desse trabalho no abrigo. Aprendi a ficar mais atenta a fala de cada criança. Elas expressam, seja no papel ou oralmente, através dos movimentos corporais ou no silêncio: revelam seus sentimentos.

Como educadora, percebo o quanto se torna necessário o estudo e a pesquisa em campo, com a participação ativa das crianças, para que haja aprimoramento na arte de ensinar. Assim como a busca de metodologia adequada e inovadora no campo das artes.

Nesse trabalho, não tinha a pretensão de criar um espetáculo com plateia. A proposta nesse instante foi experimentar a transformação de brincadeira e jogos tradicionais em jogos teatrais conforme a proposta metodológica. Por vezes, também fui jogadora. Como a pesquisa ação assim permite essa aproximação do pesquisador e o objeto em estudo.

Ensinando e aprendendo numa troca intensa com os alunos. Paulatinamente houve interação e discussões reflexivas entre os jogadores, ressaltando o trabalho em grupo, desenvolvendo confiança mútua. Percebo que formamos um grupo de parceiros de jogo e todos estavam livres para assumir responsabilidades pela sua parte do todo, jogando (Spolin, 2008). Essa proposta da autora, acredito, fica cada vez mais perceptível conforme vai se trabalhando sistematicamente com o mesmo grupo.

Me despeço dando abraços as belas palavras de Miguel Almir, que muito me representa em seu poema “Devãos do Amor”:

[...]

O Amor pode ser traduzido
como fulcro de energia vital
fonte inesgotável que vivifica
como feixe irradiante e seminal
constelar de fluxos existenciais
vicejar do sentido primordial.

Como cuidado com valores humanos
com a equidade e com a compaixão
com o bem comum, com a dignidade
com os laços vivos de solidarização
com a lógica do compartilhamento
com o labutar pela ecohumanização.

[...]

6 REFERÊNCIAS

AMORIM, Adriana Silva. **Oficina de Práticas Pedagógicas III: Educação para Cidadania** - Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2022. Esta obra é um Componente Curricular do Curso de Licenciatura em Teatro na modalidade EaD da UFBA.

AMORIM, Adriana Silva. **Fundamentos e Metodologias para o Ensino de Teatro** - Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2023. Esta obra é um Componente Curricular do Curso de Licenciatura em Teatro na modalidade EaD da UFBA.

BECHARA, Evanildo. **Novo Dicionário de Dúvidas da Língua Portuguesa**, (3ª ed.) 2022.

CANDA, Cilene **Ensino de Teatro: Fundamentos e Didática** Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2020. Esta obra é um Componente Curricular do Curso de Licenciatura em Teatro na modalidade EaD da UFBA.

CURY, Augusto. **Inteligência socioemocional**. Rio de Janeiro: Sextante, GMT Editores Ltda, 2019.

FERNANDES, Ciane. **Pesquisa Somático-Performativa**. ARJ | Brasil | vol.1/2 | p.76-95| Jul./Dez. 2014

FERNANDES, Sílvia. **Teatralidade e textualidade: A relação entre cena e texto em algumas experiências de teatro brasileiro contemporâneo**. Artefilosofia, Ouro Preto, n.7, p. 167-174, out. 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro/São Paulo; Paz e Terra 2018, edição 43ª

GOHN, Maria da Glória. **Investigar em Educação** - IIª Série, Número 1, 2014
https://ec.europa.eu/epale/sites/epale/files/gohn_2014.pdf

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Disponível: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2024.

MARTINS, Pedro Haddad. **Pedagogia em Performance: uma abordagem do ensino do teatro na escola básica.** 2017. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes.

KISCHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz **Metodologia do ensino de teatro** - Campina s. SP : Papyrus, 2001. - (Coleção Ágere). Disponível: <https://laracoutouv20162.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/11/japiassu-ricardo-metodologia-do-ensino-de-teatro.pdf> acesso 01 setembro de 2024

OLIVEIRA, Urânia Auxiliadora Santos Maia de. **Metodologia da pesquisa em teatro.** Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2023.

RAMALDES, Karine; CAMARGO, Robson Corrêa de. **Os Jogos Teatrais de Viola Spolin - Uma Pedagogia da Experiência.** Goiânia-GO; Editora Kelps 2017.

SILVA, Natalia Alves da. **Brincadeiras populares: um caminho para o fazer teatral.** 2012. 56 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) — Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Itapetininga-SP, 2012.

SILVA, Filipe Dias dos Santos. **Manifestações culturais populares** - Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2021.

SPOLIN, Viola **Improvisação para o Teatro** ; [tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos]. – São Paulo: Perspectiva, 2010

SPOLIN, Viola **Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor** ; [tradução Ingrid Dormien Koudela] 2ª edição. – São Paulo: Perspectiva, 2010